

## CAPÍTULO IV A REFORMA PROTESTANTE

Haeresim non tam novitas quam veritas revincit.

Não é tanto a novidade que refuta a heresia, mas a verdade. – Tertuliano, *de virg. vel.*

A Reforma Protestante veio no momento oportuno, - no momento em que parecia não haver esperança de melhoria da Cristandade Ocidental e quando não havia sinal de que os precedentes esforços, feitos no sentido de reformar a Igreja, se repetissem. Reforçavam-se os dogmas e as lei religiosas de que a Igreja se havia carregado, como um navio se cobre de moluscos, após longa travessia. Quando chegou o socorro, este veio, não do pontífice romano e do Vaticano, nem de um Concílio de prelados, mas de um monge alemão e de uma obscura cidadezinha do Norte. E veio como um raio que tombasse de um céu sereno.

**§ 1. A Reforma definida.** – Como movimento religioso, o despertar do Protestantismo foi o evento mais memorável que ocorreu desde os tempos dos Apóstolos. O ano de 1517, em que Lutero afixou as Teses, constitui uma linha divisória nos anais humanos. Certos expedientes antigos de explicar o movimento se consideram hoje totalmente errôneos. Não foi um conflito movido pela inveja de duas ordens, a dos Agostinianos e a dos Dominicanos, como Cochlaeus – 1550 – alvitrou, nem foi uma revolta selvagem que germinasse no cérebro de um monge alemão embriagado, como Leão X a princípio imaginou. Pouco menos errôneas foram outras tentativas de explicação do movimento, atentando para fundamentos outros que não os religiosos. A Reforma não foi concebida deliberadamente para subtrair a Alemanha às exações italianas, embora os clamores contra semelhantes exações fossem fortes e bem justificados. Não foi uma jactanciosa exaltação da razão acima da piedade, ou uma tentativa de libertar a razão do jugo da autoridade. Não foi uma revolta do laicado contra o eclesiasticismo, provocada, como Mr. Froude preferiu dizer, “pela audaciosa imoralidade do clero secular e regular, e pela tirania e extorsão do poder eclesiástico”. A Reforma não teve, certamente, em seus propósitos originais, um móvel econômico. E ainda menos foi um movimento político.<sup>1</sup>

A acusação, agora comum entre os polemistas católicos romanos, de que a Reforma foi o resultado da incompreensão religiosa por parte de Lutero e outros Reformadores, ou um explodir de obstinação e grosseira cobiça, são explicações desmentidas pelo conhecimento experimental que eles tinham de sua época, pela sua vida às claras e sua afoiteza em enfrentarem a morte por suas idéias, assim como pela pronta adesão dada ao novo movimento por metade da Europa.

A Reforma foi um protesto contra os males doutrinários e práticos da Igreja e uma proclamação do Evangelho. Foi um regresso aos preceitos do Cristianismo original. Nenhuma verdade nova foi acrescentada ao Novo Testamento por Lutero e Calvino, assim como nenhuma área foi adicionada à terra por Colombo e os Cabots. Os navegantes italianos rumaram para Oeste e deram notícia dos territórios que descobriram. Nada mais. Os Reformadores abriram um livro antigo e anunciaram o que nele acharam. E não tentaram fazer mais do que isso.

**§ 2. O motivo religioso.** – O impulso que produziu o nascimento da Reforma foi totalmente religioso. Inquietações de ordem social e econômica haviam, sem dúvida, no

século XVI, como as há no século XX. Especulações sociais, não de todo utópicas, e certas mutações econômicas empolgavam o pensamento da época. A melhoria social e econômica acompanhou a pregação da nova ordem religiosa; mas, me primeira instância até o fim, os Reformadores tiveram como objetivo dominante anunciar o caminho claro pelo qual podia o homem obter de Deus a graça salvadora e cumprir a vontade do mesmo Deus. Quão diversa era a mentalidade de Erasmo, representando o iluminismo intelectual! Quando o eminente humanista veio a compreender que a nova ordem religiosa acarretaria violência, demolição de velhos costumes discretamente se passou para o outro lado e escreveu: “Abomino mais o tumulto do que qualquer outra coisa. Não sou tão insensato que faça qualquer coisa contra o vigário de Cristo e sinto-me indisposto a molestar sequer um bispo”. Presumir-se que os Reformadores fossem movidos por outro propósito que não o de melhorar as condições religiosas, é acusar metade da população da Europa de se ter iludido.

**§ 3. A Expansão da Reforma.** – Como os Pais dos séculos primitivos e os eruditos da Idade Média, os Reformadores constituíram por si mesmos um grupo. Uniram-se num propósito comum, embora pertencessem a diferentes nações e falassem línguas diferentes. Coube a Lutero chefiar a Reforma. Partindo de Wittenberg, o movimento se alastrou à Suíça, onde teve Zuric e Genebra como centros principais. Na Dinamarca, Suécia e Noruega, o novo sistema suplantou inteiramente o velho. Na Hungria, dividiu a população. Triunfou na Holanda, após a mais amarga perseguição. Na Inglaterra, cenas sangrentas se desenrolaram antes que as novas concepções se estabelecessem, o que se deu pela perseverança da vontade popular e pela derrota da *Armada Invencível*. Na Escócia, o povo e o parlamento ardentemente se uniram para seguir a João Knox. Na França, as perspectivas da Reforma foram promissoras, mas teve de enfrentar a má vontade do rei, que lhe moveu tremenda perseguição, queimando a vinte e quatro hereges em Paris, no espaço de seis meses, sendo eles executados à sua própria vista. Cinquenta anos mais tarde, com o massacre da noite de S. Bartolomeu, 1572, o partido Protestante foi quase aniquilado. Dos franceses que seguiram o novo caminho, Calvino levou avante sua obra, exilado de sua terra natal. Na Itália e na Espanha, os processos da Inquisição esmagaram a semente da fé que nascia. A extensa expansão da empresa mostra quão intensamente prevalecia o descontentamento religioso. É irracional supor que semelhante interesse geral pudesse ser despertado por uns poucos homens, tratados em certas rodas como aventureiros religiosos e bandidos espirituais.

**§ 4. A independência dos Reformadores.** – Os Reformadores Protestantes eram em alto grau independentes uns dos outros. Não houve conluio entre eles. Nenhum grupo de descontentes tramou qualquer plano de ação em torno de uma mesa. Lutero nunca viu Calvino ou Cranmer. Zwinglio jamais se encontrou com Knox ou Latimer. Não houve um pacto coletivo para o estabelecimento de novo regime religioso, nenhuma conjuração destinada a subverter as velhas instituições. As XCV TESES foram rapidamente divulgadas em Paris, na Inglaterra e na Escócia, mas isso não se deu em resultado de entendimentos secretos. Quando os escritos de Lutero eram levados para a Inglaterra “em barricas lacradas”, uma delegação estava pronta a dar as boas vindas aos princípios que eles divulgavam. A tradução do Novo Testamento de Tyndale nasceu do mesmo desejo de entregar as Escrituras ao povo, assim como o fez Lutero, com sua tradução cinco anos depois. Há algum fundamento para a asserção de que a Reforma havia de explodir em Zuric, se não explodisse em Wittenberg. A data da conversão de Calvino às novas

concepções, 1533, é demasiadamente tardia para permitir a fábula de haver ele entrado em conspiração com Lutero. Ao tempo de sua conversão, a Reforma Luterana já tinha dezesseis anos de existência e seus princípios já tinham tido definição formal na Confissão de Augsburgo.

Ademais, a Reforma do século XVI foi independente dos anteriores movimentos de reforma. Lutero não iniciou sua carreira de Reformador com um sistema prévio copiado aos que o haviam precedido. O protesto dos Reformadores foi o resultado de um processo gradual pelo qual eles vieram a perceber como erro aquilo que outrora aceitaram como verdade, exatamente como o homem que, após um sonho, abre os olhos e, olhando em torno, gradualmente percebe o que existe ao redor de si. Quando Lutero afixou suas Teses, julgava estar de perfeito acordo com a Igreja. Até 1520, reconheceu o papado e procurou libertá-lo das mãos violentas, comparando Leão X a um cordeiro em meio de lobos. Lutero nunca teria sido um Reformador, se tivesse seguido o conselho que João Nathin lhe dera no convento: “Irmão Martinho, deixa a Bíblia em paz: lê os antigos. Eles dão a substância da Bíblia. Ler a Bíblia é procurar inquietação”. Os Reformadores hauriram suas idéias do Novo Testamento e não das obras de Marsílio de Pádua, Wyclif, Huss ou Wessel. É duvidoso que Lutero se tivesse antes familiarizado com as obras de Wyclif – e só depois de haver entrado profundamente em sua carreira é que veio a defender João Huss e a conhecer Wessel. Como estudante em Erfurt, Lutero prontamente pôs de lado um exemplar dos Sermões de Huss que encontrara na biblioteca, considerando que o livro estava demasiadamente denegrido pelas heresias para que o sol se dignasse de luzir sobre ele. Não foi antes que decorressem mais de dez anos que Lutero defendeu artigos pelos quais foi Huss condenado em Constança. Leão X estava certo quando, em 1520, escreveu que as opiniões de Lutero reviviam as heresias de Wyclif e dos boêmios, mas se enganava ao atribuir a Lutero a tentativa premeditada de “ressuscitá-las”. Smith, *Cor.*, I:334. Entretanto, por aquela época Lutero chegava ao ponto de estar habilitado a declarar abertamente que Huss estava certo e escreveu a Leão: “Não digo que alguns dos artigos de João Huss sejam verdadeiros; agora digo que todos eles são verdadeiros”.

**§ 5. A preparação dos Reformadores.** – Os Reformadores Protestantes, quando falam, não falam como teóricos. Falam de condições em meio das quais se criaram. Foram educados na piedade popular do tempo. Conheciam as flutuações das observações diárias. Quando ingressaram no novo movimento, empenharam-se tanto em debates acadêmicos como Mr. Lincoln aparou a pena para a Proclamação da Emancipação. Nenhum deles combateu como quem açoita o ar. A prática religiosa era um espetáculo aberto cada dia diante de seus olhos. Quer se justifiquem, quer não, as modificações que eles pleiteavam, de uma coisa não se pode duvidar nos arraiais amigos ou inimigos: Os Reformadores, de Lutero a João Knox, sabiam o que estava sendo ensinado em seu tempo e quais as cerimônias religiosas que estavam em uso. Sabiam o que pensava o homem de rua, que espécie de vida levavam os sacerdotes, que preceitos os monges observavam, que ensinamentos as universidades transmitiam. Samuel Adams, Otis e Patrick Henry não podiam falar mais acertadamente acerca de assuntos de sua especialidade do que o fizeram aqueles guias do século XVI, ao tratarem das condições religiosas e das crenças de seu tempo. Tinham, entretanto, o melhor preparo universitário que a época podia oferecer. Estudaram com os mestres mais acreditados em Erfurt, Viena, Basiléia, Paris, Oxford e Cambridge. Eram versados na teologia da Idade Média. Fizeram ressurgir Santo Agostinho – quase poderia dizer-se – com seus escritos.

## DAVID S, SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Ainda mais: os Reformadores estavam habilitados para sua tarefa, pelo fato de estarem em dia com os novos conhecimentos. Saudaram com júbilo a erudição de seu tempo. Tiraram proveito da correspondência com Erasmo. Com uma das exceções, tomaram os novos estudos e o aprendizado do Hebraico e do Grego como auxílio ao esclarecimento das Escrituras. O uso das duas línguas em que os livros bíblicos foram escritos sofria oposição por parte de muitos sacerdotes do tempo, que consideravam perigosa e herética qualquer discordância com a Vulgata Latina. Eram obscurantistas: para eles, os velhos moldes e os estudos tradicionais não podiam ser aperfeiçoados. Os escolásticos e os Pais sabiam tudo quanto era digno de conhecimento. Tyndale refere que “os Scotistas, os filhos das trevas, bramiam em todos os púlpitos contra o Grego e o hebraico”. Quando apareceu o Novo Testamento Grego, de Erasmo, Zwinglio de seu próprio punho copiou dele as epístolas de Paulo e a epístola aos Hebreus. Ecolampadius possuía tão notável erudição clássica quanto Melanchthon. Os *Comentários* de Calvino são um monumento de exposição crítica dos livros bíblicos. Beza publicou um texto grego do Novo Testamento, que durante séculos foi usado nas escolas.

Se os líderes da Reforma não tivessem sido homens superiores, não teria havido reforma. Por aproximadamente mil anos, nenhum eclesiástico houve no Ocidente que soubesse o Grego e Hebraico. Gregório o Grande não conhecia o grego. Anselmo não sabia grego. S. Bernardo não sabia grego. Tomaz de Aquino não sabia grego. Wyclif não sabia grego. Mas Lutero o sabia e sabia-o Calvino; sabiam-no Zwinglio e Bucer, Bullinger e Beza. Os Reformadores eram igualmente homens de grande atividade no manejo de seus livros. Cochlaeus, depois de ter visto a Lutero em Worms, 1521, escreveu que os cuidados e os estudos tinham-no emagrecido tanto, que se lhe podiam contar os ossos do corpo. Calvino era tão infatigável no estudo, que com espanto se pergunta como podia ele achar tempo para levar avante seus estudos tão árduos, cuidar da imensa correspondência e ao mesmo tempo tomar parte nos negócios seculares de Genebra. Esses homens possuíam toda a bagagem humanística exigida para a condução dum debate no terreno religioso. Eram estudiosos das Escrituras e deixaram após si uma verdadeira biblioteca: traduções das Escrituras, Comentários, tratados de Teologia Sistemática, obras polêmicas, escritos devocionais, Sermões, Catecismos, Hinários e Obras Históricas. Suas produções enchem estantes tão extensas como a biblioteca dos escritos medievais – e são mais variadas. Os Reformadores não viveram, entretanto, em solidões monásticas: viveram à vista do público. Toda gente sabia o que eles eram e o que diziam.

**§ 6. A Reforma como Experiência Pessoal.** – A reforma não foi um movimento escolástico que germinasse no cérebro: foi uma experiência pessoal, antes que se volvesse em movimento histórico. Foi primeiro uma convicção e não um esquema intelectual; matéria de consciência e não de intuítos ambiciosos. “Se eu tivesse cem cabeças” – podia Lutero escrever em Worms – “Todas seriam cortadas, antes que eu abdicasse de minha consciência”. A Reforma foi umas descoberta e não um invento. Lutero proclamou a nova era porque a nova era havia primeiro despontado nele. O Novo Testamento lhe servia de livro de classe, o espírito desprevenido constituía a força que o inclinava para ele. Sua convicção de que o homem é justificado só pela fé se desenvolveu gradualmente através do estudo. Lutero, entretanto, tornou-se cômico daquela verdade num relampar. “Nos últimos anos” – assim se expressou – “a significação da passagem: *O justo viverá pela fé*, caiu sobre mim subitamente.” Para estabelecer paralelo com a experiência de Lutero, não precisamos ir até s. Paulo. Sir William Hamilton, depois de ter trabalhado com

os *quaternions* por quinze anos, teve repentinamente a solução do problema, enquanto atravessava a ponte de Brouham, a 16 de outubro de 1843. Assim foi com Anselmo, no caso do argumento ontológico da existência de Deus. O argumento fora objeto de extenso processo elaborado no espírito de Anselmo e através de oração; e, todavia, sua solução lhe veio como revelação, quando, nas trevas da noite, suas linhas gerais subitamente se colocaram, em clara definição diante do intelecto do escolástico.

Foi também notável a experiência religiosa de Calvino, a qual o preparou para sua tarefa. Ele não entrou para um convento, como Lutero, e não teve os benefícios daí decorrentes; mas teve todas as vantagens do estudo severo, de mestres eminentes, de três universidades e um pai que ocupava uma das mais elevadas posições eclesiásticas. Calvino atribuiu sua adesão às novas concepções a uma súbita conversão – *súbita conversio*. Em um dos dois breves relatos que acerca daquele evento nos legou, conta que, após ter experimentado por todos os meios da fé católica alcançar a paz, ficou decepcionado; finalmente, o Evangelho, como um fulminante raio de luz, mostrou-lhe o profundo abismo de erro em que se debatia, e, aterrorizado e com lágrimas, tomou o caminho de Deus. A Reforma não foi simples aventura acadêmica.

**§ 7. Os Princípios da Reforma.** – Os princípios dominantes da Reforma são comumente apresentados em número de dois – o princípio formal, segundo o qual as Escrituras são a fonte da autoridade religiosa, e o princípio material, segundo o qual a justificação é pela fé. Estes dois princípios têm entre si relação semelhante entre a que existe entre a planta e o vaso que a contém. Os Reformadores sustentaram que as Escrituras são o padrão pelo qual se aferem os dogmas e as tradições da Igreja. Escrevendo ao eleitor Frederico, já em 1519, Lutero exaltava a autoridade das Escrituras, colocando-as acima de tudo, exceto Deus, e declarando que estava “pronto a honrar, com toda humildade, a Igreja Romana e a negar preferência a qualquer outra coisa, no céu ou na terra, excetuando-se tão somente a Deus e sua palavra”. Seis meses depois, escrevendo ao eleitor, acrescentou que “teria mais confiança num homem que tivesse por si a Bíblia, do que no papa e no concílio inteiro, sem a Bíblia”. Em Leipzig, em 1519, e dois anos depois, em Worms, a questão foi claramente definida em termos de um conflito entre os usos da Igreja e o Livro Sagrado. Depois da dieta de Worms, Aleander escrevia que Lutero se recusara a submeter-se aos decretos do Concílio de Constança, exceto nos pontos em que estivessem fundados na autoridade das Escrituras. Na famosa carta ao imperador, em defesa de sua atitude, Lutero declarou-se pronto a aceitar o julgamento do imperador ou o pronunciamento de qualquer Concílio, apenas com a condição de que a Palavra de Deus se conservasse aberta e livre.<sup>2</sup> Já em 1520, ele atribuía à “Palavra de Deus” a agitação que ia pelo mundo. Quanto à justificação pela fé, Lutero proclamou-a o artigo dos artigos, o artigo pelo qual a Igreja permanece ou cai. A salvação é só pela livre graça, mediante a fé em Cristo. Em sua carta a Sadolet, Calvino a definiu como o principal e mais incisivo ponto da questão entre os dois partidos. Na aceitação desses dois princípios todos os Reformadores estavam de acordo.

**§ 8. O valor do Home e do Mundo.** – Outro princípio que se tem tratado como feição característica do ensino dos Reformadores, é a dignidade do homem, encarado individualmente. Aquele ensino realça o sacerdócio de todos os crentes e seu direito de imediato acesso a Deus e ao trono da graça. O sacerdócio medieval havia dificultado esse acesso, graças às prescrições sacramentais, como as folhas de outono obstruem o deslizar das torrentes. A Reforma fez de cada homem um sacerdote. Ainda mais: ela lhe assegurou

que o mundo e os bens temporais se destinam ao uso e bem-estar humano, e não para serem evitados. A religião não consiste na abstenção de coisas boas. Na Idade Média, os mais religiosos eram os que fugiam do mundo, renegando a sociedade, o lar e as satisfações usuais da vida. A existência solitária e penosa constituía a existência ideal. Um assunto sobre que muito se escreveu, foi o desprezo com que o mundo devia ser encarado: sobre tal assunto até Inocêncio III escreveu. A Reforma aboliu o ascetismo como prática obrigatória. Ensinou que o homem com seu arado e a menina com sua vassoura prestam melhor serviço do que o monge que viva separado de seus semelhantes, praticando austeridade. Rompeu as amarras da disciplina do celibato e exaltou as virtudes da vida doméstica, a labuta do campo e o comércio, ensinando o devido uso da propriedade. Uma vez mais anunciou as palavras que dizem: “Toda criatura de Deus é boa e nada deve ser desprezado, se se o recebe com ações de graças”. Os Reformadores não insistiram no milênio, mas animaram o povo da Europa a orientar o pensamento através de novas linhas. Deram aos interesses humanos e aos bens da natureza uma importância que o medievalismo desdenhou. Nesse sentido, eles puseram o mundo às avessas.

**§ 9. Condições favoráveis à Reforma.** – Quando veio a Reforma, o movimento foi favorecido por quatro fatores; a Renascença, a publicação impressa do Novo Testamento Grego, a invenção da imprensa e o impulso dado às novas empresas de comércio e exploração. Tudo parecia ter sido disposto a propósito para lhe favorecer a expansão.

A Renascença rompeu as cadeias do Escolasticismo e pôs em marcha o livre exame. Na nova era iniciada por Dante e Petrarca, o mundo e o homem foram recuperados. Os homens abriram os olhos, olharam e viram novos céus e nova terra. As realizações humanas da história foram proclamadas como objetos dignos de estudo e de admiração. A Idade Média só conheceu duas profissões: a carreira das armas e a carreira monástica. A elas se acrescentaram as profissões das letras – o estudo da natureza e da história – e a de explorador de oceanos e continentes. Os editos papais, outrora dirigidos contra o estudo dos clássicos, foram desprezados. Vieram à luz os manuscritos dos clássicos. As estátuas foram desenterradas do pó e da lama em que haviam lançado os invasores procedentes do Norte. O Coliseu e outras construções antigas foram outra vez encaradas como monumentos da capacidade humana e não como amontoados de pedra. O latim perdeu seu monopólio como meio único de expansão ao alcance do escritor. O conhecimento não mais se limitou ao eclesiástico. Os leigos começaram a manejar a pena. O espírito do livre exame soprou sobre a Itália. Só o sopro da revivificação religiosa ainda não se desencadeara. Savonarola pregou o arrependimento, mas foi levado à morte. A cultura não trouxe regeneração. Relaxaram-se as obrigações morais. O paganismo parecia arrebatar a sociedade italiana: “ninguém há” – diz Burckhardt – “que, reputado pessoa culta, não alimente alguma concepção errônea acerca do Cristianismo”. O cálix de Babilônia não contém as águas da vida.<sup>3</sup>

No norte da Europa o despertar intelectual não se divorciou da religião. O norte não possuía Dante, nem Petrarca, mas contava com João Tauler e Tomaz à Kempis. O estudo das Escrituras se fazia com profundo interesse. O aprendizado do Grego e do Hebraico, sob a orientação de Erasmo e de Reuclin, empreendeu-se como meio de penetrar o sentido delas. Na Inglaterra, Glocyn e Colet ensinavam o grego e faziam preleções sobre o texto original das Epístolas de S. Paulo. Em 1516 o Novo Testamento Grego foi publicado por Erasmo e, do ponto de vista religioso, esse fato assinalou a culminância da contribuição feita pelo Humanismo à verdade religiosa. O livro apareceu justamente a

## DAVID S, SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

tempo de ser utilizado pelos Reformadores. A rápida e crescente circulação do pensamento, possibilitada pela invenção de Gutenberg, cerca de 1450, foi favorecida pelas casas impressoras de Mogúncia, Colônia, Veneza e outras cidades, e as tipografias se tornaram mais poderosas do que exércitos aguerridos. As comunicações transmitidas pela palavra falada deram lugar às mensagens escritas a tinta. O novo Testamento e as obras de Lutero, assim como os escritos dos outros Reformadores, espalharam-se em milhares de cópias. Se eles apenas fossem acessíveis em exemplares manuscritos, poucos conventos, na melhor hipótese, os teriam possuído.

Se essas influências foram favoráveis ao alastramento da Reforma, também o foi o espírito moderno de comércio e exploração. Não foi por simples coincidência que a investigação religiosa e as descobertas geográficas tivessem seu ponto de partida na mesma época. Novos mundos se desenhavam no horizonte. Durante as Cruzadas, o navegante tinha visado os portos do Levante; agora olhava para os lados do Ocidente. Colombo descobriu um Novo Mundo. Novas cartas geográficas foram traçadas – e em um dos mais primitivos mapas do mundo ocidental, este foi chamado Terra de Santa Cruz – *terra sanctae crucis*, A Bíblia, como um novo Continente, estava aberta a leitores de todas as línguas. A curiosidade e a busca da verdade conduziam ao mesmo tempo o estudante bíblico e o marinheiro. Foi uma quadra de maravilhas! Coisas novas planavam no ar. Novas vozes se faziam ouvir. Seria a religião a única província em que nenhum progresso, nenhuma iluminação nova fosse possível? Acerca daquela era surpreendente exclamava Ulrich Von Hutten: “Florescem os estudos, despertam-se os espíritos, existe a alegria de viver!” E Lutero, observador arguto, escreveu: “Se lerdes todos os anais do passado, verificareis que nenhum século houve semelhante a este, desde o nascimento de Cristo. Tal construir e planejar, semelhante bem viver e bem vestir, tais empreendimentos de comércio, tal impulso em todas as artes, jamais se viram desde que Cristo veio ao mundo. E quão numerosos são os povos ativos e inteligentes, que coisa alguma deixam às ocultas e sem mudança! Hoje um moço de vinte anos sabe mais do que costumam saber vinte doutores em teologia”. Ao tempo em que estas palavras foram escritas, 1522, Lutero já havia rompido com Leão X e Carlos V.

Se naquela ondulante atmosfera de estudo e descoberta, a mente religiosa da Europa houvesse permanecido estática, uma de duas coisas ficaria provada: ou que as condições religiosas não tinham necessidade de alteração, ou que os mestres religiosos não estavam dispostos a estudar outra vez o Novo Testamento. Em qualquer caso, o medievalismo estaria condenado a ser a derradeira expressão do Cristianismo. Não é fantasia moderna o dizer-se que as autoridades de Roma controlavam a Igreja, no ano de 1517, quando Lutero afixou suas Teses. Não sentiram necessidade de despertamento religioso e nem sonharam com planos conducentes a isso. Longe de darem qualquer esperança no tocante ao futuro, elas trouxeram do passado eclesiástico a teoria medieval do papado e recorreram à instituição medieval da Inquisição. No último dos Concílios medievais, conhecido como o Quinto Lateranense, a teoria do poder papal, representado pelas duas espadas, foi reafirmada pelo cardeal Cajetano; e Marcelo, o veneziano, dirigiu-se ao papa reinante, Júlio II, como a outro deus sobre a terra – *alter deus in terris*. Antes do adiamento do Concílio, 1517, a própria bula de Bonifácio VIII – *unam sanctam* – foi expressamente ratificada por Leão X, através da bula *pastor aeternus*. Confirmando o ensino de seu antecessor, Leão consentiu em perverter duas passagens tiradas do Velho Testamento, e tornou a desobediência ao papa punível com a pena de morte. A Renascença, com sua cultura e com o aproveitamento de suas descobertas, não ofereceu tudo o de que o

## DAVID S, SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

mundo estava deseioso: ele precisava da mensagem dos Evangelhos recém-abertos – e Roma estava cega. Melhor do que pensava, disse o bispo de Isernia em seu discurso de encerramento do Quinto Lateranense: “OP Evangelho é a fonte de toda sabedoria, de toda virtude, de tudo quanto é divino e digno de admiração. O Evangelho, digo, o Evangelho!” Quando Lutero, poucos meses depois, exteriorizou sua primeira mensagem, começando com as palavras: “Nosso Senhor e Mestre” – de fato reabriu o Evangelho e fez de sua mensagem uma força viva.

### Bibliografia e Notas

*Lives* de Lutero e outros Reformadores. – Vida de Lutero. C. R. – Denifle: *Luther u. Lutherthum*, 2 vols., 2a. Ed., 1904. – Grisar: *Psycholog. Life of L.*, trad., 5 vols., 1913-17. – O’ Hare: *The facts about L.* Com introd. por Guilday, 1916. – Prot. – Schaff, Kolde, Boehmer, Jacobs, McGiffert, P. Smith, Mackinnon, 1 vol., 1926. – *Lives of Calvin* por Schaff, W. W. Walker, Kampfschulte, R. C. – Kidd: *Documents Illustr. of the Reformation*, 1911 – *Hist. of the Reformation* por Brieger. Rockwell: *Doppelehe d. Phil. von Hessen*, pp. 374, 1904. – Walther: *Fur Luther wider Rom.*, 1906 – Bezold, Lindsay, 2 vols., - P. Smith: *Age of the Reformation*, pp.861, 1920. – A. V. Muller, ex-cat.: *Luther’s Theol. Quellen*, 1912. Contra Denifle e Grisar.

1- Prof. J. A. Robinson, *Am. Hist. Rev.*, janeiro de 1903, diz: “A declaração de que a Reforma dificilmente pode ser chamada de qualquer modo, revolução religiosa, pode resultar em exagero, mas há, todavia, poderosos argumentos que se podem aduzir em abono daquela conclusão”, Vide também Harvey, *Am. Journ. of Theol.*, outubro de 1915. Em sua obra *St Louis and Calvin*, Guizot teve razão, ao proclamar “a Reforma, essencialmente é desde o início uma reforma religiosa”.

2- A carta original, escrita a 28 de abril de 1521, foi comprada por J. P. Morgan, em 1911, pela quantia de 25.000 dólares e oferecida a Guilherme II, que condecorou o doador com a ordem da Águia Negra. Vide Smith, *Cor.* 1:547.

3- Sohm, *Ch. Hist.*, p. 22, seguindo a Buckhardt e Gregorovius, diz: “Nunca houve um grupo tão brilhante em sua atividade, tão rico em seus propósitos e dons, tão forte em seu poder criador, produzindo obras imortais, e ao mesmo tempo tão egoísta e profundamente corrupto como o grupo da Renascença na Itália, na segunda metade do século XV”.